
Notas Bibliográficas

BARROS, Marcelo: *A Dança do Novo Tempo: o novo milênio, o jubileu bíblico e uma espiritualidade ecumênica*. São Leopoldo-São Paulo: Sinodal, CEBI, Paulus, 1997, 92 pp., 21 x 15,5 cm, ISBN 85-233-0452-5.

A Dança do Novo Tempo é um livro para quem sonha, luta e espera saídas alternativas e consistentes para certos impasses e conflitos atuais. Nele se encontram oportunas reflexões sobre o fim deste e o começo do novo milênio, o sentido histórico do jubileu, pistas e elementos fundamentais para uma espiritualidade micro e macro-ecumênica.

Em estilo confidencial, dialogal, narrativo, recheado de poesias, textos místicos e bíblicos, o livro pode ser lido tendo como referência o tradicional método do ver-julgar-agir. Com prefácio de Teresa Cavalcante e um profético comentário de capa do pastor e biblista luterano Milton Schwantes, o texto é bem contextualizado e está dividido em três partes: 1ª - Projeto de jubileu para o ano 2000 (Ver); 2ª - Meditação da Palavra-Vida (julgar); 3ª - Hoje se cumpre a Palavra (Agir). Segue-se uma referência bibliográfica capaz de oferecer aos leitores condições para o aprofundamento dos temas implicados.

Pela elegância literária, própria do autor, o texto é de fácil leitura devido a seu estilo didático, analítico, simples e crítico, principalmente no que se refere à teoria e à prática concretas da Igreja Católica, em geral, e das Igrejas Particulares. É, portanto, um livro que oferece algo de novo para um novo tempo. Por isso, vale à pena conhecê-lo e, principalmente, discuti-lo e aprofundá-lo em pequenos e grandes grupos, que, como o autor, queiram ser peregrinos incansáveis da unidade e do diálogo libertador interreligioso e intercultural.

PSV

SÖLLE, Dorothee: *Reflexiones sobre Dios*. Tradução do alemão de Constantino Ruiz Garrido. Barcelona, Herder, 1996, 20 x 12 cm, 153pp. ISBN 84-254-1944-1.

Falar de Deus implica, sobretudo, falar a Deus. Isto é o que faz Sölle em suas obras. Daí a importância de, quando falamos de Deus, estarmos conscientes a que Deus estamos falando, pois, do contrário, não é impossível que estejamos fazendo um belo tratado teológico de um ídolo.

O pressuposto de Sölle, no momento de pensar e sentir Deus, é o mesmo do Mestre Eckhardt: só Deus nos pode libertar de "Deus". A autora, a partir de sua visão feminista da teologia da libertação, trata, sobretudo, das falsas imagens patriarcais de Deus. O "Deus de nossos pais" é anterior a Deus, o Pai. Nem os relatos do Êxodo, nem os da criação precisaram de um Deus patriarcal. "Eu sou o que sou", o Nome, acaba com o ídolo antropomórfico.

O substrato da exposição geral e, às vezes, generalizante de Sölle, é algo válido. Se, de Deus, só se pode falar simbolicamente, então deveremos relativizar todo símbolo que quisesse reservar para si a representação exclusiva do Absoluto. Entretanto, o símbolo "pai", com excessiva frequência, tentou possuir essa exclusividade. Em lugar de permanecer em um símbolo concreto, o importante é prestar atenção à *Shekiná*, à presença de Deus entre seu povo, o rosto de Deus, que mais pode falar-nos sobre Ele e mais nos conduz a falar a Deus.

Sölle aceita falar de Deus como "pai" se o que há por trás desse símbolo for uma relação que fomenta a união entre uma geração e outra, pois esse uso nos vincula à família humana e não nos induz a permanecermos infantilizados ante a autoridade paterna. A autora não pretende trocar um patriarcado por um matriarcado na imagem de Deus, mas tão somente assinalar o que escraviza no uso patriarcal de Deus, e o que pode ajudar para a libertação de Deus e da fé um uso mais matriarcal.

Sölle trata de atualizar temas como a luta de Jacó e o anjo; de assinalar como a dor de Deus e nossas dores estão intimamente relacionadas; de recordar que o reconhecimento do fracasso de Jesus não implica em duvidar de sua verdade, mas antes pelo contrário; de afirmar que a Páscoa precisa ser existencializada e historicizada já que Jesus acreditava numa vida antes da morte; de advertir que amar a Deus com todo o coração implica não dar importância ao holismo da Nova Era, que, com seu entusiasmo livre de sofrimento, esquece o próximo ofendido e humilhado etc.

Apesar do que escreve a editora na contracapa – "A mais bela obra escrita por Sölle" – o pequeno livro contém algumas boas idéias mas, em diversas ocasiões, abunda o já sabido. De toda forma, o livro está escrito para ser lido com prazer e leveza, já que não tem grandes pretensões. Portanto, também não seria justo exigir-lhe o que não pretende.

AM

ARNOLD, Simón Pedro: *La otra orilla. Una espiritualidad de la inculturación*.
Lima: CEP, 1996. 201 pp., 20,5 x 14,5 cm.

O A., monge beneditino belga radicado no Peru (Chucuito, Departamento de Puno), é ainda pouco conhecido nos meios brasileiros. Vale, no entanto, a pena que se anote seu nome, promissor no campo da teologia e da espiritualidade, embora não seja teólogo por formação, mas doutor em Ciências da Comunicação. Nesta obra fala a partir de sua experiência no Mosteiro da Ressurreição, uma tentativa de inculturar a vida monástica no altiplano andino, no meio aimara.

Tratando-se de inculturação, não é de estranhar que o livro seja muito localizado e, nesse sentido, à primeira vista sem maior interesse para nós. Entretanto, seria contraditório se quiséssemos um livro que fala de inculturação, a partir da experiência, sem ser particular. O universal concreto da inculturação pode servir de lição a todos.

O livro é uma coletânea de diversos trabalhos, em parte já publicados em revistas, em parte resultado de conferências e cursos. Está dividido em quatro partes: evangelização e cultura, Vida Religiosa e inculturação, teologia e inculturação, releituras espirituais.

A primeira parte é mais específica para a situação peruana. A segunda parte enfoca especialmente a questão da formação inculturada no mundo andino, especialmente o postulado e o noviciado inculturados. Na terceira parte vale a pena ressaltar o cap. V, "apontamentos para uma teologia da inculturação", marco teórico da questão da inculturação. O A. inicia, mostrando como opção pelos pobres e inculturação não se opõem, nem esta quer substituir aquela, como chamado da moda. Pelo contrário, a inculturação se apresenta como "plenitude da opção pelos pobres" (76). O A. propõe como eixos da reflexão a experiência da vizinhança e de uma Igreja-tecido. Depois de uma reflexão a partir do episódio da Samaritana, da experiência de São Paulo e da Carta a Diogneto, o A. explicita assim sua intuição: "O mistério da vizinhança, em nosso contexto, [...] é 'desposar um destino' no amor ao outro e a seu modo de ser; é 'fazer-se' outro sem querer 'parecer-se' ao outro; é deixar-se 'impregnar' pelo outro sem querer 'mudá-lo' à força; é sobretudo 'acompanhar' humildemente um processo de formação de Igreja já semeada antes de nossa chegada, no poço de Jacó de cada cultura; em outras palavras, é 'confiar' na ação fecunda do Espírito nesta cultura que brota livremente na opção por um mergulhar paciente e humilde, numa realidade cultural e religiosa particular" (97). Outro capítulo desta terceira parte trata da pneumatologia inculturada, apresentando primeiramente o que a Bíblia ensina do Espírito Santo para depois reler a pneumatologia bíblica "com olhos e corações andinos" (108). A quarta parte trata de, por uma parte, reler espiritualidades cristãs clássicas (a carmelita, a espiritualidade marial, a de Teresinha de Lisieux) à luz da mentalidade andina e, vice-versa, fenômenos da religiosidade popular cristã andina numa perspectiva simpática de compreensão crítica.

Uma obra muito localizada no tempo e no espaço, mas profundamente universal em sua intenção e por seu A. Vale a pena ser considerada por quem se interessa pela temática da inculturação. Finalmente saliente-se a bela capa do livro com uma fotografia artística que permite avistar o Lago de Titicaca desde um velho arco localizado em Chucuito.

FT